

Maria Madalena

Múltiplas Representações

Orgs.
Renata Floriano de Sousa
Valdemir de Souza Vicente
Edla Eggert



Editora Fundação Fênix

**Maria Madalena:
Múltiplas representações**

Série Filosofia

Conselho Editorial

Agemir Bavaresco

Draiton Gonzaga de Souza

Orci Paulino Bretanha Teixeira

Ingo Wolfgang Sarlet

Rosemary Sadami Arai Shinkai

Norman Roland Madarasz

Nythamar Hilário Fernandes de Oliveira Junior

Fabio Caprio Leite de Castro

Nelson Costa Fossatti

Evandro Pontel

Jair Inácio Tauchen

Isis Hochmann de Freitas

Ricardo Timm de Souza

**Maria Madalena:
Múltiplas representações**

Organizadores

Renata Floriano de Sousa
Valdemir de Souza Vicente
Edla Eggert



Editora Fundação Fênix

Porto Alegre, 2020

Direção editorial: Agemir Bavaresco
Diagramação: Editora Fundação Fênix
Capa: Renata Floriano de Sousa & Valdemir de Souza Vicente
Imagem de Artemisia Gentileschi Título: Mary Magdalene in Ecstasy. Yata: (1611 ou 1613-1620)

O padrão ortográfico, o sistema de citações, as referências bibliográficas, o conteúdo e a revisão de cada capítulo são de inteira responsabilidade de seu respectivo autor.

Todas as obras publicadas pela Editora Fundação Fênix estão sob os direitos da Creative Commons 4.0 –

[Http://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR](http://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR)



Série Filosofia – 16

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

SOUSA, Renata Floriano de; VICENTE, Valdemir de Souza; EGGERT, Edla. (Orgs).

Maria Madalena: múltiplas representações. SOUSA, Renata Floriano de; VICENTE, Valdemir de Souza; EGGERT, Edla. (Orgs). Porto Alegre, RS: Editora Fundação Fênix, 2020.

156p.

ISBN – 978-65-87424-04-0

DOI – <https://doi.org/10.36592/9786587424040>

Disponível em: <https://www.fundarfenix.com.br>

CDD-100

1. Maria Madalena. 2. Representações. 3. Teologia. 4. Iconografia.

Índice para catálogo sistemático – Filosofia e disciplinas relacionadas – 100

4. MARIA MADALENA E A TEOLOGIA FEMINISTA NA BUSCA DA MEMÓRIA DA TRADIÇÃO/TRADUÇÃO DE NÓS MESMAS



<https://doi.org/10.36592/9786587424040-4>

Edla Eggert¹

Introdução

O presente texto retoma leituras que compõem o entendimento sobre a Teologia Feminista. Tal matéria, por sua vez, busca contribuir na fundamentação da hermenêutica feminista, a fim de instrumentalizar a análise em pesquisas na área das ciências humanas, em especial na Educação e na Educação Teológica. Este texto foi sistematizado a partir de uma apresentação empreendida no Segundo Seminário de Maria Madalena, organizado por doutorandas da Escola de Humanidades da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) em 2018. Será estabelecida a conexão criativa e inspiradora das trocas e aprendizagens realizadas nesse encontro e defendo a ideia de que, quanto mais estudamos as experiências das mulheres, mais produziremos hermenêuticas feministas e iremos, aos poucos, contribuir para uma Teologia criadora de autoria de nós mesmas.

Em um artigo publicado em 1992 na Revista Estudos Feministas, Maria José Fontelas Rosado-Nunes apresenta uma análise da tradução para a edição brasileira do livro de Elizabeth Schüssler Fiorenza (1992), publicada originalmente em inglês (FIORENZA, 1983) e numa edição em francês no ano de 1986. Nunes (1992) analisa as pequenas e significativas traições produzidas para a edição brasileira em comparação com as duas edições anteriores em países europeus.

A leitura desse artigo de Rosado-Nunes (1992), publicado no século XX e lido no século XXI, 27 anos depois, possibilita a importância da rememoração, pois Nunes traz à baila o comparativo do título em inglês (texto original), na tradução para o francês, em que se identifica a manutenção do sentido original do mesmo. Ou seja, no original do livro de Fiorenza (1983) temos a chamada, *In Memory of Her, A Feminist Theological Reconstruction of Christian Origins*; e, na tradução para o

¹ Doutora em Teologia pela Escola Superior de Teologia. Professora na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Bolsista CNPq 1C. E-mail: edla.eggert@puers.br

francês, que se segue o sentido da “memória dela” permanece: *En Mémoire d'Elle. Essai de reconstruction des origines chrétiennes selon la théologie féministe* (1986). Nunes observa, porém, que na edição brasileira teremos a tradução do título do livro de Fiorenza (1992) sem duas questões importantes para a área da Teologia Feminista. Do título, foram retiradas a questão da memória dela, bem como também as palavras Teologia Feminista, como reconstrução das origens cristãs. O título em português nos foi/é apresentado da seguinte forma: *As origens cristãs a partir da mulher - Uma nova hermenêutica*.

A análise de Rosado-Nunes (1992) é sobre o apagamento no título “da memória dela” e da “Teologia Feminista” como aspectos importantes que remetem a questões de método e que, ao retirar do título essas palavras, perde-se em boa medida a força do texto.

A autora relembra de um livro escrito por John Stuart Mills (1806-1873), *Subjection of woman* (1869), e aponta que o autor foi duramente criticado, porque se dizia, na época, que já pelo título do seu livro ele estaria insuflando as mulheres a se rebelarem. Ao que o autor rebatia dizendo que era justamente esse o intento e que, portanto, o título do livro estava correto.

Rosado-Nunes (1992) analisa que o apagamento da tradução das palavras “da memória dela” para o português revela uma forma truncada de o livro ser apresentado ao povo brasileiro. A “memória dela”, que Fiorenza anuncia no título, é sobre a discípula declarada pelo Cristo no Evangelho de Marcos capítulo 14, versículo 9: ‘Em verdade eu vos digo, por toda a parte onde o Evangelho for proclamado, o que esta mulher fez será também contado, *em sua memória*’. “Esta mulher” sem nome da cidade de Betânia, que ungiu Jesus, fica na invisibilidade da história, mesmo que o filho de Deus tenha dito com convicção que todos deveriam guardar na memória o ritual que essa mulher havia acabado de fazer. E, segundo Rosado-Nunes (1992, p. 7), “[...] tratar o gesto profético desta mulher enquanto um momento específico da história da comunidade cristã – a unção de Betânia –, é demarcá-lo e conferir-lhe importância simbólica”. Chamar para o título o episódio de uma mulher invisibilizada é demarcar a consequência das opções epistemológicas e metodológicas da Teologia Feminista por meio de uma hermenêutica que suspeita das formas como os textos sagrados se constituíram em verdades absolutas. E Rosado-Nunes (1992) segue em sua análise sobre a tradução, tanto do título, quanto da obra em si, e

observa que, além de sumirem com essa parte tão importante do título, sumiram também com a sequência do título original, que indica a presença da Teologia Feminista! Em 1992 vivíamos um Brasil que recentemente produzira uma constituição democrática, em 1988, saído de uma ditadura militar de 21 anos (1964-1985), portanto, parece que, para quem editou o livro, seria forte demais apresentar as palavras da Teologia Feminista e, por consequência, parecia muito perigoso mostrar a autoria de uma teóloga exegeta que anuncia, por meio da tradição teórica feminista, a recuperação da herança das mulheres. Ficamos, desse modo, com um título indicativo de uma “nova” hermenêutica – a partir da mulher, que traduz muito pouco e, em minha compreensão, que trai a presença de uma teologia com tradição de muitas mulheres com rosto, cor e nomes invisíveis, mas presentificadas com outras possibilidades hermenêuticas. Fiorenza, segundo Rosado-Nunes (1992, p. 7), apresenta nessa obra, tão pouco conhecida no Brasil por nós estudantes de teologia e das ciências do humano, duas questões: “O ‘movimento de Jesus’ foi, de fato, radicalmente igualitário? Se assim foi, como o Cristianismo se tornou tão rigidamente patriarcal?”.

No tempo atual da brasilidade tumultuada pelo fundamentalismo religioso patriarcal, estudar Maria Madalena nos compromete à pro-vocação de releituras por meio da hermenêutica feminista amparadas por mulheres como Fiorenza (1983; 1986; 1992), Rosado-Nunes (1992; 2005; 2006), Wanda Deifelt (2003; 2015), e ainda outras pessoas que investigam nessa direção. Neste texto, apresento alguns “lugares de fala” (RIBEIRO, 2017) da produção teológica feminista brasileira, entendida como formas de descolonizar a teologia que temos apreendido e uma tentativa de deslocar, por meio da hermenêutica feminista, as dicotomias do aprender a sermos mulheres virtuosas (madresposas e freiras) em detrimentos das pecadoras (presas, putas, loucas), segundo estudos de Marela Lagarde y de Los Rios (2005).

Alguns “lugares de fala”

Ao trazer à memória um livro traduzido para o português de uma teóloga do norte para a realidade do sul, e os percalços que uma tradução pode ocasionar, sinalizo que produzimos interpretações desde um lugar. E esse lugar é o sul, o sul colonizado, o sul cristianizado há 500 anos com a volúpia do desejo da nomeação de

quem acreditava que chegou aqui, vindo do “eurocentro”, com o poder da “iniciação” cristã.

Foi nos últimos 100 anos que, aos poucos, fizemos a mistura de tudo que foi dizimado e reeditamos a condução para outras leituras. Afirmando isso junto com Oswald de Andrade (1928), que escreveu o manifesto antropofágico, e com Djamila Ribeiro (2017), que escreveu sobre o lugar de fala das mulheres negras e o feminismo negro, e ainda junto com Gayatri Chakravorty Spivak (2010), indiana que se pergunta se pode a subalterna falar? Com a força dessas pessoas, que pensam e escrevem de outros lugares, defendendo a manutenção do “manifesto antropofágico”, pois comemos e deglutimos o que nos foi apresentado, imposto e devolvemos de muitas formas nossa reação e releitura desde lugares subalternos. E a amostragem dos “lugares de fala” sinaliza em boa medida nossa insubordinação. Autoras e autor de textos citados remetem a uma mistura provocadora de pensamentos críticos, que têm nos ensinado a ser resistentes e insurgentes. Andrade (1928), há quase um século, nos convida por meio da antropofagia a misturar provocando. Ribeiro (2017) e Spivak (2010) reivindicam a restituição da humanidade *negada* às mulheres negras silenciadas ao longo da história, incluindo, nessa história, a própria história da participação das mulheres negras no feminismo. Essas análises sinalizam o que as teólogas latino-americanas reivindicaram junto aos movimentos da Teologia da Libertação quando defenderam a participação das mulheres no fazer teológico desde lugares marginais.

A postura das teólogas latino-americanas não deixa de representar uma inovação surpreendente: as mulheres tornam-se sujeitos da ação de teologizar – conjugam esse verbo na primeira pessoa Eu, mulher, teologizo, e o fazem, tomando como objeto desse seu ato teológico, a situação das que são excluídas entre as excluídas: as mulheres das classes populares (ROSADO-NUNES, 1992, p. 18).

Teologizar é um conceito ainda pouco conhecido e debatido. A proposta requer pensar desde a experiência das mulheres, bem como de pessoas marginalizadas e contém a ideia antropofágica de que é possível produzir teologia a partir de lugares ordinários. A cozinha e tudo que se produz nela, a casa desarrumada e em processo de limpeza e arrumação, a toalha bordada na mesa do altar, as visitas e as orações a pessoas doentes (EGGERT, 1998; 2003; EGGERT; PAIXÃO, 2014), enfim: as epistemologias da vida ordinária! (GEBARA, 2015).

É nesse contexto que o “lugar de fala” contém leituras realizadas desde conhecimentos interdisciplinares. A Teologia tem sido revisitada por leituras oriundas de distintas áreas do conhecimento das humanidades, reconhecidas e publicadas nos grandes centros da “ciência”. E o “lugar de fala” vem a ser a pressão na forma de reação daquelas e daqueles que ainda estão à margem e também por quem é empático a essas pessoas. E é o que temos compreendido quando lemos textos sobre a colonialidade e a descolonialidade (alguns a intitulam como a decolonialidade), como Catherine Walsh (2005), Aníbal Quijano (2005) e Walter D. Mignolo (2003).

Pactuo com Danilo Streck e Cheron Moretti (2013), que analisam a colonialidade pedagógica desde o sul, que se produz nos países colonizados, tem a marca do legado moderno europeu, que, ao colonizar as américas e, em especial, a América Latina, impôs caminhos reprodutores de um conhecimento. Não sem resistências, muito antes pelo contrário, com muitas insurgências.

A colonialidade presente na Teologia faz com que a experiência do legado moderno europeu, intercambiada e/ou antropofagiada com a vida que acontece na realidade latino-americana, reproduza às vezes sem a consciência de gênero, de classe e a consciência étnico-racial mas, às vezes, com uma mistura que gera potência e consciência de outras teorias. Assim, aos poucos temos apresentado argumentos descolonializadores, mesmo que uma parte do próprio legado tenha vindo de fora, do além mar. A produção da consciência da subserviência ao norte e da exploração das mulheres pelo poder patriarcal é composta por estudos sócio-históricos sobre a dominação, em trabalhos como os de Angela Davis (2016) e de Heleieth Saffioti (2013), Streck e Moretti (2013), entre outros. Esses estudos dão a conhecer o grau de subserviência, dominação e exploração, em especial das mulheres negras, indígenas e mulheres pobres, e são interpenetrados junto às leituras na hora de fazer teologia na América Latina.

Teologizar com Elizabeth Schüssler Fiorenza, Rosemary Ruether e Wanda Deifelt na tradição luterana das Faculdades EST

As teólogas Elizabeth Schüssler Fiorenza (1992) e Rosemary Radford Ruether (1993), do norte, foram apresentadas ao público brasileiro por meio da tradução e publicação de livros realizada pelas editoras Paulinas e Sinodal. Somadas a essas

duas teólogas, temos a brasileira Ivone Gebara. Essas três teólogas foram apresentadas ao público luterano, no Brasil, por meio das aulas e textos da teóloga Wanda Deifelt no Programa de Pós-Graduação em Teologia das Faculdade EST, em São Leopoldo, entre os anos de 1994 até 2004². A busca por recuperar memórias e tradições esquecidas é o eixo central dessa produção teológica. E, em especial, Fiorenza chama de “hermenêutica da suspeita”, ao perguntar sobre a presença das mulheres nos textos bíblicos, imputando no exercício da interpretação a sensibilidade por fazer outras perguntas sobre a condição das mulheres no contexto narrado biblicamente. Discutir-se-á a compreensão do modo como a academia opera e influencia no ensino da análise dos textos sagrados. Introduzir-se-á a (auto)avaliação crítica por meio do exercício de imaginar criativamente, anunciando *outras* maneiras de interpretar o mundo. Na mesma direção, Ruether (1993; 2000) fará esse movimento direcionada para a História da Igreja e à Teologia Sistemática.

Os princípios de Elizabeth S. Fiorenza se apresentam em quatro tópicos: 1. Suspeita; 2. Rememoração; 3. Imaginação; 4. Proclamação. É por meio desses passos que somos introduzidas a pensar uma teologia da vida das mulheres. Ao reafirmar os princípios de Fiorenza, Wanda Deifelt (2003; 2006; 2015) sintetiza os passos de Fiorenza somados à experiência docente e pastoral, que ficaram em três pontos: 1. Consciência da exclusão; 2. Tradição de nós mesmas; 3. Reconhecimento de tradições alternativas. Essa proposição metodológica encaminhou um legado por meio das orientações científicas realizadas pela Professora Dr.^a Wanda Deifelt na *Escola Superior de Teologia*, hoje intitulada Faculdades da Escola Superior de Teologia, em São Leopoldo (RS). Durante o tempo em que esteve à frente da cátedra de Teologia Feminista 1991-2004, a referida Professora orientou oito trabalhos de conclusão do bacharelado em Teologia, sete dissertações de mestrado e cinco teses de doutorado em Teologia. Todos os trabalhos direcionados a temáticas feministas ou aos estudos de gênero. Em especial, aponto que as cinco teses remetem a discussões que traduzem elementos criadores em hermenêuticas distintas com argumentos feministas. Rosane Pletsch (2004), Anete Roese (2004) e Renate Gierus (2006) produziram e significaram aspectos metodológicos, no âmbito da teologia

² André Musskopf (2014) apresenta a história da conquista realizada pelas estudantes de teologia da década de 1980, que reivindicaram uma cátedra de teologia feminista. O autor destaca nesse livro as consequências dessa reivindicação e conquista junto à Faculdade de Teologia da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB), bem como nas décadas seguintes por meio da profícua produção decorrente dessa conquista.

sistemática, bem como da teologia prática. Enquanto a tese de Graciela Chamorro (1996) e a tese de minha autoria (EGGERT, 1998) revelam aspectos com a Religiosidade indígena Guarani e metodológicos na interface com a Educação. Todas as teses, de uma forma ou de outra, lidaram com aspectos da hermenêutica feminista e, como salienta André Musskopf (2014), há uma forte predominância de produção científica nas áreas de Teologia Prática e Teologia Histórico-Sistemática. A cátedra de Teologia Feminista teve seu percurso entre os anos de 1990 até 2008, após esse tempo foi estruturado o Programa de Gênero e Religião, que existe até a presente data. Convém salientar que, nas duas situações, sempre houve o financiamento de Igrejas Luteranas da Europa. E, nesse sentido, é curioso observar que, apesar da nossa consciência sobre a colonialidade, em boa medida somos mantenedoras da dependência e suporte financeiro também quando buscamos estabelecer outros parâmetros epistemológicos na produção do conhecimento. Observo que, neste texto que estou a produzir, busco seguir os passos hermenêuticos das pensadoras e, ao desenvolver a consciência da exclusão, caminhamos para uma “tradição de nós mesmas”, realizando o reconhecimento de tradições alternativas. Talvez daqui para diante haja cada vez mais alternativas, inclusive no que tange aos financiamentos da produção do conhecimento teológico autônomo e sensível à experiência das mulheres e de todas as pessoas que comungam do cristianismo e seguem à margem dele.

Segundo minha interpretação, ao rememorar essa trajetória, especialmente narrada por Musskopf (2014), há um hiato na formação teológica bíblica no contexto analisado. As teólogas biblistas tiveram outros lugares de fortalecimento e apropriação, como, por exemplo, nos encontros latino-americanos que introduzo a seguir.

Teólogas biblistas da América Latina

O Encontro Latino-Americano de Mulheres Biblistas na Colômbia, em 1995, apontou quatro aspectos a serem considerados no fazer hermenêutica bíblica: 1. O corpo como categoria hermenêutica; 2. Os sujeitos e suas histórias cotidianas no processo hermenêutico; 3. Hermenêutica da desconstrução e reconstrução; 4. Uma hermenêutica que questiona o conceito de autoridade bíblica (PEREIRA, 1997, p. 7). Esse encontro foi um marco na história da teologia feminista latino-americana, pois indicou caminhos interpretativos que a Teologia da Libertação suprimia. Ou seja,

houve a reunião de uma importante parcela da população produtora da referida teologia latino-americana, que trazia e traz experiências das mulheres, provocadora de outro mundo possível e necessário. A partir desse evento, podemos também sinalizar outros modos de interpretar e fazer teologia que foram ampliados pelas biblistas feministas, como o segundo encontro de feministas biblistas, no ano de 2004. É o impacto do feminismo, como descreve Maria Rosado-Nunes (2006), tanto como movimento, quanto como pensamento que irá dar uma sacudida na Teologia da Libertação que lutava por justiça social, mas “[...] não incluía justiça e igualdade de gênero, que ainda não estavam claramente em pauta naquele contexto social e político” (ROSADO-NUNES, 2006, p. 296). Nesse sentido, fazer exegeses de textos sagrados, *que considerassem o corpo das mulheres como categoria hermenêutica e as mulheres com suas histórias cotidianas como um processo hermenêutico*, era de certa forma provocar a desconstrução e a reconstrução dos textos em questão. Sem dúvida, uma hermenêutica que provocou questionando o conceito de autoridade bíblica.

A suspeita feminista é de que o manuseio dos textos sagrados realizados predominantemente por homens por mais de cinco mil anos, incluindo a tradição judaica, num contexto cultural de domínio do conhecimento e manutenção de privilégios masculinos, perpetuou e perpetua traduções e tradições em benefício do mundo dos homens. Segundo Maria Rosado-Nunes (2005, p. 363), “[...] os homens dominam a produção do que é ‘sagrado’ nas diversas sociedades”. E, portanto, na sociedade, as mulheres e meninas, em particular, seguem sendo apresentadas aos textos sagrados de um modo bipartido: ou se aproximam ou se distanciam de Deus (santas ou pecadoras). As religiões, segundo essa autora, são um campo empreendido pelo mundo masculino por excelência. E as mulheres estabelecem percepções antropológicas dos papéis masculinos e femininos fundamentadas “[...] em uma ordem não humana, não histórica, e, portanto, imutável e indiscutível, por tomar a forma de dogmas” (ROSADO-NUNES, 2005, p. 363). Ainda segundo Rosado-Nunes (2005), o discurso predominante, reproduzido sob o véu da revelação divina, apresenta as mulheres numa visão antropológica de suspeita (há que se desconfiar delas sempre), de pouca credibilidade e de quase nenhum reconhecimento. As teólogas biblistas comprometidas com a escavação das histórias em que mulheres aparecem/existem, porém geralmente sem nome, contribuem para uma virada

interpretativa dos textos bíblicos. As técnicas exegéticas foram aprofundadas com estudos histórico-críticos utilizados primeiramente por biblistas da teologia latino-americana, sempre na perspectiva libertadora e, por meio desses estudos, sedimentou-se a coragem de entremear suas visões inovadoras das personagens bíblicas para além da exegese, ou seja, para as áreas da teologia sistemática e teologia prática (pastoral). Conscientes de que as religiões espelham sua ordem de valores patriarcais, reproduzidas em seus discursos sob o manto da revelação divina, a constatação é de que o lugar das mulheres no discurso e na prática religiosa não foi, e frequentemente ainda não é, dos mais felizes.

É o que Maria Rosado-Nunes chama de identidade bipartida. Para as mulheres há lições demarcadas que cindem o modo como podemos aprender a nos identificar, ou seja: mais ou menos próximas a Deus. A presença do “ou” estar mais perto de Maria mãe de Deus, ou estar mais perto de Eva/Maria Madalena/Jesebel, revela a visão dicotômica de nós mesmas. E é essa visão dicotômica que tem sido desmantelada pela crítica feminista, à medida em que são analisados com mais detalhes os contextos históricos, as histórias e os discursos das personagens bíblicas. Reconstruir o percurso dos textos bíblicos em que essas mulheres estão presentes e percebê-las autônomas, e donas de si, possibilita que as reconheçamos em sua dignidade. É o que a análise que Elizabeth Schüssler Fiorenza (2016) faz de Maria de Magdala, apresentando-a como um exemplo de mulher convidada para ser liderança no discipulado entre outras tantas pessoas, invoca-a para o testemunho da plenitude frente às injustiças e aos sinais de morte.

Na tradição cristã, as mulheres aprendem desde cedo que precisam andar mais perto das santas e a não serem confundidas com as pecadoras. É assim que teologicamente as mulheres são ensinadas a se perceber como seres humanos perante Deus. No ocidente judaico-greco-romano-cristão, o discurso do pecado, narrado por meio da desobediência, apresenta Eva como a figura que relembra essa marca pedagógica. Mas a mulher, para ser restaurada, ganha em Maria, mãe de Jesus, a marca da correção. E desse modo aprendemos inúmeros outros exemplos bíblicos, que demonstram essa dualidade entre o bem e o mal. É nesse contexto que Maria Madalena se aproxima no recorte de Eva.

O que Fiorenza (2016) defende, assim como Deifelt e as biblistas do encontro latino-americano (1995), é que as mulheres e os homens, com fome e sede de justiça

no exercício do encontro e do diálogo, produzam um lugar sagrado. Ao se encontrar recebem a força de estar entre iguais e percebem que estar junto é não mais se sentir sozin@s e impotentes. Estar reunid@s para celebrar a experiência libertadora de Maria de Magdala, e de tantas outras que nos foram narradas como pecadoras e exemplo a não ser seguido, produz o recebimento da mensagem de vida e de libertação frente aos poderes desumanizantes e mortíferos do racismo, da misoginia, do antijudaísmo, da islamofobia, da homofobia e da ganância pelo lucro, incapaz de preservar a natureza e a vida do planeta. Reforça, como afirma Fiorenza (2016, s. p.)

[...] a ideologia cultural da feminilidade numa época de reação política contra as mulheres, numa época de comércio internacional do sexo e de abusos sexuais de membros do clero, numa época em que se diz de novo às jovens que o verdadeiro significado de suas vidas consiste no casamento e na maternidade.

O fazer pensar hermenêutico feminista latino-americano relê e reinterpreta os textos bíblicos ao mesmo tempo que também reflete e ressignifica as “bases de sustentação política, econômica e antropológica produtoras de injustiça” (KROB, 2014, p. 3631). São exercícios hermenêuticos que trazem novidades espantosas. E, nas palavras de Adriana Valerio (2005), são “novas palavras” por meio de “novos métodos” que “[...] devem ser elaborados pelas mulheres, para completar, enriquecer e inovar uma teologia que durante demasiados séculos conheceu somente um olhar que, mesmo poliédrico, foi sempre marcado somente pelo gênero masculino” (VALERIO, 2005, p. 374).

Palavras (in)conclusivas

O segundo evento, organizado para reler a história e vida de Maria Madalena na Escola de Humanidades no final de semestre de 2018, teve a pretensão de exercitar diversas hermenêuticas que descentralizam a marca da tradição androcêntrica.

As diversas áreas do conhecimento, reunidas por meio de grupos esperançosos para novos olhares, marcam a possibilidade das releituras que teólogas latino-americanas fazem de mãos dadas com teólogas de outras partes do mundo. Busca-se, desse modo, encontrar fios que tramem colchas para novas interpretações e novos

encontros com as mulheres ainda pouco conhecidas e pouco celebradas como Maria Madalena, reavivando a tradição e autoria de nós mesmas.

Referências

ANDRADE, O. Em Piratininga Ano 374 da Deglutição do Bispo Sardinha. *Revista de Antropofagia*, São Paulo, v. 1, n. 1, 1928.

CHAMORRO, G. *Papa Tapia Ret Marangatu*: que nossos corpos tenham sempre algo bom para contar ou a experiência religiosa guarani como ato de dizer-se. Tese de Doutorado em Teologia, São Leopoldo: EST, 1996.

DAVIS, A. *Mulheres, Raça e Classe*. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2016.

DEIFELT, W. A luta continua: Interseccionalidade como Lente Epistemológica. In.: *Revista Coisas do Gênero*. Vol 1. N. 1, 2015. p. 05-20.

DEIFELT, W. Temas e metodologias da teologia feminista. In: SOTER (Org.). *Gênero e Teologia. Interpelações e perspectivas*. São Paulo: SOTER/Paulinas/Loyola, 2003, p. 171-186.

DEIFELT, W. Deus no corpo: uma análise feminista da revelação. In: TOMITA, L. E.; BARROS, M.; VIGIL, J. M. (Org.). *Teologia Latino-Americana pluralista da libertação*. São Paulo: Paulinas, 2006, p. 79-94.

EGGERT, E. *Educa-teologiza-ação*: fragmentos de um discurso teológico, mulher em busca de reconhecimento. Tese de Doutorado em Teologia, São Leopoldo: EST, 1998.

EGGERT, E.; PAIXÃO, M. A cozinha de Katharina Von Bora: teologia do cotidiano por meio de temperos, fervuras e cozimentos. In: MUSSKOPF, A.; BLASI, M. (Org.). *Ainda feminismo e gênero - histórias, gênero e sexualidade, sexismo, violência e políticas públicas, religião e teologia*. 1. ed. São Leopoldo: CEBI, 2014, v. 1, p. 215-226.

FIORENZA, E. S. *In Memory of Her, A Feminist Theological Reconstruction of Christian Origins*. New York: The Cross Road Publishing Company, 1983.

FIORENZA, E. S. *En Mémoire d'Elle. Essai de reconstruction des origines chrétiennes selon la théologie féministe*. Traduit de l'américain par Marcelline Brun. 1986. (coll. *Cogitatio Fidei*, 136).

FIORENZA, E. S. *As origens cristãs a partir da mulher - Uma nova hermenêutica*. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

FIORENZA, E. S. O chamado de Maria de Magdala e o nosso próprio chamado. Tradução Isaque Gomes Correa. *IHU*, São Leopoldo, n. 489, 18 jul. 2016. Disponível

em: <<http://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/6543-elisabeth-schussler-fiorenza>>. Acesso em: 15 maio 2019.

GEBARA, I. As epistemologias teológicas e suas consequências. In: CONGRESSO DE GÊNERO E RELIGIÃO, 2., 2015, São Leopoldo. *Anais...* São Leopoldo: Sinodal, 2015, p. 31-50. Disponível em: <http://www.est.edu.br/downloads/pdfs/biblioteca/livros-digitais/Epistemologia_Violencia_Sexualidade.pdf>. Acesso em: 15 maio 2019.

GIERUS, R. *Além das grandes águas: mulheres alemãs imigrantes que vêm ao sul do Brasil a partir de 1850 – uma proposta teórico-metodológica de historiografia feminista a partir de jornais e cartas*. Tese de Doutorado em Teologia, São Leopoldo: EST, 2006.

LAGARDE, M. *Los cautiverios de las mujeres: madresposas, monjas, putas, presas y locas*. 5. Ed. México: Universidad Nacional Autónoma de México. Dirección General de Estudios de Posgrado. Facultad de Filosofía y Letras. Programa Universitario de Estudios de Género. 2005.

KROB, D. B. Teologia Feminista Latino-Americana, Teologia Feminista Negra e Teologia Ecofeminista: partes de um todo. In: REDOR – REDE FEMINISTA NORTE E NORDESTE DE ESTUDOS E PESQUISA SOBRE A MULHER E RELAÇÕES GÊNERO, 18., 2014, Recife. *Anais...* Recife: UFPE, 2014, p. 3629-3644.

MIGNOLO, W. *Histórias locais / projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar*. Tradução Solange R. Oliveira. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

MUSSKOPF, A. *Teologia Feminista e de Gênero na Faculdades EST. A construção de uma área do conhecimento*. São Leopoldo: CEBI, 2014. Disponível em: <http://www.est.edu.br/downloads/pdfs/biblioteca/livros-digitais/Teologia_Feminista-E-BOOK-FINAL.pdf>. Acesso em: 15 maio 2019.

PEREIRA, N. C. Pautas para una hermenéutica feminista de la liberación. *RIBLA (Revista de Interpretación Bíblica Latino-Americana)*, São Paulo, n. 25, p. 5-10, 1997. Disponível em: <<https://www.claiweb.org/images/riblas/pdf/25.pdf>>. Acesso em: 19 ago. 2019.

PLETSCH, R. *Da caridade cristã à assistência social: contribuições da teologia e do feminismo à cidadania*. Tese de Doutorado em Teologia, São Leopoldo: EST, 2004.

QUIJANO, A. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, E. (Org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais, perspectivas latino-americanas*. São Paulo: CLACSO, 2005, p. 107-130.

RIBEIRO, D. *O que é lugar de fala*. Belo Horizonte: Letramento, 2017. (Coleção Feminismos Plurais).

ROESE, A. *Espaços de cuidado, movimentos de ressurreição: teoria e método para o processo de acompanhamento pastoral terapêutico de grupos*. Tese de Doutorado em Teologia, São Leopoldo: EST, 2004.

ROSADO-NUNES, M. J. F. De mulheres e de deuses. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 0, n. 0, p. 5-30, 1992.

ROSADO-NUNES, M. J. F. Gênero e religião. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 13, n. 2, p. 363-365, Aug. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2005000200009&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 18 ago. 2019.

ROSADO-NUNES, M. J. F. Teologia Feminista e a crítica da razão religiosa patriarcal: entrevista com Ivone Gebara. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 14, n. 1, p. 294-336, jan./abr. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v14n1/a16v14n1>>. Acesso em: 19 ago. 2019.

RUETHER, R. R. *Sexismo e Religião*. São Leopoldo: Sinodal, 1993.

RUETHER, R. R. (Org.). *Mulheres curando a Terra*. Mulheres do terceiro Mundo na ecologia, no feminismo e na religião. São Paulo: Paulinas, 2000.

SAFFIOTI, H. *A mulher na sociedade de classes: mito e realidade*. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

SPIVAK, G. C. *Pode o subalterno falar?* 1. ed. Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa e André Pereira. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.

STRECK, Danilo; MORETTI, Cheron Zanini. Colonialidade e insurgência: contribuições para uma pedagogia latino-americana. *Revista Lusófona de Educação*, [S.l.], v. 24, n. 24, dec. 2013. ISSN 1646-401X. Disponível em: <<https://revistas.ulusofona.pt/index.php/rleducacao/article/view/4176>>. Acesso em: 28 ago. 2019.

VALERIO, A. A teologia, o feminino. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 13, n. 2, p. 367-376, maio-ago. 2005. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X200500020011/7837>>. Acesso em: 19 ago. 2019.

WALSH, C. *Pensamiento crítico y matriz (de)colonial*. Reflexiones latinoamericanas. Quito: Ediciones Abya-yala, 2005.